

Cismas, relevância ou irrelevância da Igreja, reforma do Código do Direito Canônico

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães¹

INTRODUÇÃO

Muitos intérpretes do pontificado de Francisco acreditam que ele abriu uma nova etapa na recepção do Concílio Vaticano II, implementando reformas importantes no conjunto da Igreja, em fidelidade criativa aos principais textos do Concílio, seja na própria compreensão da Igreja, seja na relação que ela estabelece com outras igrejas, com outras religiões e com a sociedade em geral. A avaliação positiva à liderança de Francisco é, contudo, contrabalanceada por resistências fortes, presentes em vários grupos, não somente dos que são considerados tradicionalistas, por não terem acolhido o Concílio, mas também entre membros do episcopado, entre padres, seminaristas. Além dessas resistências, muitas vozes se levantam para apontar os limites da própria ação de Francisco.

1. O SENHOR TEM FALADO EM VÁRIAS OCASIÕES DE UM “CISMA SILENCIOSO” NA IGREJA, EM PARTE REFERINDO-SE À NÃO RECEPÇÃO DE ELEMENTOS IMPORTANTES DO CONCÍLIO, EM PARTE REFERINDO-SE À NÃO RECEPÇÃO AO MAGISTÉRIO E ÀS ORIENTAÇÕES DO ATUAL PONTIFICADO. PODERIA APONTAR ONDE SE ENCONTRAM AS PRINCIPAIS RESISTÊNCIAS À ATUAL LIDERANÇA DE FRANCISCO NA IGREJA EM GERAL E, SOBRETUDO, NA IGREJA DO BRASIL, NO SEIO DO EPISCOPADO, ENTRE PRESBÍTEROS, SEMINARISTAS, MOVIMENTOS E GRUPOS DIVERSOS NA IGREJA? A QUE ATRIBUI TAIS RESISTÊNCIAS?

Obrigado às instituições de ensino da filosofia e da teologia em Belo Horizonte: a Faculdade dos Jesuítas, o Instituto Santo Tomás de Aquino e o Instituto de Filosofia e Teologia da PUC Minas, que têm contribuído decisivamente para o desenvolvimento da reflexão e dos estudos teológicos, como é o caso deste Colóquio de Teologia Pastoral. Não fossem iniciativas como esta, certamente a fraqueza teológica abriria ainda mais espaço para o conservadorismo presente nas Igrejas locais. Cumprimento os professores e professoras de teologia presentes a este Colóquio e a cada um deles agradeço o inestimável e qualificado serviço que prestam, ousando ajudar a pensar, esticando horizontes (poeta Manoel de Barros), a partir da fé cristã, hoje desafiada de tantas formas diferentes, em um tempo em que fundamentalistas católicos teimam em encurtar horizontes. Por fim, o meu abraço aos estudantes presentes. Confesso que a presença de vocês, assim como a ausência de muitos de seus colegas é uma

1 Mestre em teologia pela FAJE, bispo auxiliar de Belo Horizonte.

grave declaração pessoal de que pensar teológica e pastoralmente importa para vocês, felizmente, e desimporta para muitos, lamentavelmente.

O assunto escolhido é mais do que um assunto, é uma realidade viva, em curso: resistências à liderança do Papa Francisco e limites ao seu pontificado. Isso está acontecendo não somente nas disputas palacianas e curiais (embora haja melhoras), mas aqui em nosso país, tanto por parte de membros da Igreja, ordenados e leigos, e de pessoas e grupos com os mais variados interesses.

Como outros analistas, tenho utilizado a palavra “cisma” para explicar parte significativa das resistências ao Papa Francisco e tudo o que ele significa no presente momento de Igreja e de mundo. Cisma designa a recusa de submeter-se ao Papa ou de integrar-se na comunidade de membros da Igreja reunidos sob a sua autoridade (CDC 751). Os cismáticos são punidos com a excomunhão e essa é a maior penalidade (CDC 1364). Se pensamos conceitualmente, cisma, heresia e apostasia são conceitos que de certa forma se implicam. A partir do século XII o cisma foi entendido como um dano à unidade do conjunto da Igreja, tornando determinante o vínculo com o Papa.

Vivemos um momento dramático na Igreja, é verdade, porque ela está dando passos de renovação, em um processo de atualização do que disse o Concílio Vaticano II, quando já se esperava ver sepultados muitos pontos da doutrina conciliar e porque esse processo está sendo conduzido pelo Papa Francisco, jesuíta, latino-americano, idoso-experimentado-sábio-pobre, atuante de uma forma única de ser Papa.

É também um momento dramático porque atualizar o Vaticano II significa rever a Igreja em sua estrutura organizativa, a cúria romana e as Igrejas locais.

Por fim, é dramático porque, bem sabemos, a Igreja se reforma pela Palavra e é a Palavra que o Papa Francisco injeta nas principais veias do corpo eclesial, para que a Igreja seja capaz de rerepresentar Deus ao mundo, às pessoas, às comunidades, à sociedade e ao planeta: Francisco redesenha a Igreja na *Evangelii gaudium*; envolve todos os terráqueos pela *Laudato Si*; anuncia um Deus inédito ao coração das pessoas, além das religiões, dando-lhe o nome de misericórdia; exorta a todos os membros dos movimentos populares, a quem chama de poetas sociais, a lutar e não apenas reivindicar um novo mundo possível; reforma a cúria romana e põe todo mundo para trabalhar a serviço das Igrejas locais e a dar testemunho de vida cristã; derruba uma doutrina secular, o número 2266 do Catecismo, que concordava com a pena de morte em determinada circunstância; determina relações de amor nas famílias, inclusivas, na *Amoris laetitia*; convoca fortemente a velha Europa, para partir, libertar-se, pôr-se em saída do velhíssimo regime de cristandade, completamente extemporâneo e incapaz de falar aos homens e mulheres de hoje; Na *Christus vivit*, manda os jovens fazerem a revolução do amor; está ressignificando plenamente a prática dos sínodos para que a Igreja seja sinodal, recupere o sentido da comunhão, da participação, e da missão; provoca fortemente os países em favor de uma revolução dos ordenamentos que excluem milhões de seres humanos e da economia

que mata; sonha com uma Igreja pobre para os pobres (e assim faz entender que o caminho de todos é o caminho dos pobres). Os elementos não se esgotam nessa lista.

O momento dramático vivido pela Igreja é *necessariamente* dramático. Nunca um Papa mexeu, em tão pouco tempo, com tantos aspectos constitutivos da Igreja de Jesus, concomitantemente, com espírito livre, em Cristo! É o vento impetuoso, puro, do Espírito, que tudo renova e vivifica.

Ninguém fica ileso a tal movimento. Há os que têm andado, *pari passu* com o Papa Francisco, e no caminho andado todos têm sido orvalhados com a alegria do Evangelho, numa espécie de primavera eclesial em visível contraste com o longo e rigoroso inverno em que a Igreja se encontrava já há algumas décadas. Essa umectação é a espiritualidade que recentraliza Jesus Cristo, que a tudo transforma pelo mistério da encarnação, no nascimento em uma manjedoura, cuja madeira já evoca o madeiro da cruz e prepara a ressurreição, depois de ter anunciado o Reino de Deus, que deve encontrar na Igreja a sua mais bela versão.

Como ninguém fica ileso, há os que resistem, se opõem e declaram suas discordâncias, recusas e até tramam contra o Papa Francisco. Há os que, contra todo o ensinamento da Igreja, de modo violento, difamatório, explosivo atacam o Papa, rejeitam seu magistério, abominam suas orientações, sobretudo aquelas que exigem dos cristãos católicos, a coerência de vida, para que eles se conformem com a fé cristã. Nunca ficou tão fácil identificar quem está na Igreja com Pedro e sob Pedro. Não são muitos os que estão contra, mas são contundentes, alguns nitidamente belicosos, incensadores do passado em nome da defesa da Tradição (segundo eles), que não necessita ser defendida porque, sendo a verdadeira Tradição algo vivo, ela perpassa a história e está sempre presente na Igreja. No Brasil, há pessoas de dentro e de fora da Igreja, de dentro e de fora da hierarquia, que se manifestam dessa forma, demonstrando suas insatisfações e falta de comunhão com o Papa Francisco na medida, por exemplo, que se recusam a seguir suas orientações.

Contudo, há também, talvez em maior número, os que praticam o chamado cisma silencioso. É aquele cisma dissimulado, praticado por pessoas dissimuladas, intelectualmente desonestas, revestidas de uma falsa espiritualidade e de defensores do que pensam ser a ortodoxia, quando na realidade defendem a “sua própria ortodoxia”, à revelia do magistério e da Tradição e, sobretudo, à revelia da Palavra de Deus.

Esses cismas silenciosos são de cinco tipos:

a) Cisma da resistência a mudanças, que mantém a evangelização na rotina pastoral ou no espontaneísmo pastoral, submetendo-a à agenda do pentecostalismo católico e recusando, há mais de meio século, o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, bem como o atualizado *aggiornamento* do Vaticano II no tempo presente.

b) Cisma da ideologização conservadora e seletiva da mensagem do Evangelho, à luz do liberalismo reacionário e impositivo, que considera ideologia a dimensão social da evangelização. É o cisma de categorias psicologizantes no uso terapêutico da fé, do pedantismo

arcaico e enfadonho, de gnosés modernas e alienantes, de esteticismo litúrgico-pastoral em contradição com o Belo. Tudo isso em detrimento da pastoral de conjunto, na companhia de Jesus Cristo, caminho para o Pai, na iluminação e na alegria do Espírito, cujo cerne é o Reino de Deus.

c) Cisma do funcionalismo que nega a dimensão missionária da ação pastoral, baseada no câncer do clericalismo tão arraigado na Igreja no Brasil, com vistas à abominável prática do carreirismo, com concentração de investimentos na formação clerical e poucos recursos na formação de leigos e leigas, mantendo-os sem a cidadania eclesial ou na infância cristã.

d) Cisma da autorreferencialidade, que torna superficial e autoritário o discurso da Igreja, que recusa a indispensável aptidão para a conversa, que se especializa mais em gestão do que em evangelização, que renuncia a companhia de líderes construtores da sociedade, que aguça o sabor amargo da neo-cristandade, indisposta ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.

e) Cisma da pastoral de conservação, impeditiva da saída da Igreja, rumo às periferias, seletiva nas companhias, distante dos adolescentes e jovens, fragilizada na presença pública por meio das pastorais sociais, frequentemente vítimas do cancelamento, indiferente à Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, meramente formal na prática da sinodalidade por meio de conselho, diminuta nos serviços, horários e estruturas, cansada e desistente dos pobres e principalmente de suas lutas, satisfeita com multidões nos estádios e praças, descrente das comunidades, aversa a planejamento pastoral e ao pensamento crítico.

Esses cismáticos, assim caracterizados, encontram-se em meio a padres e bispos, cardeais e, também, diáconos; estão nos seminários e institutos de formação em filosofia e teologia (um dos grupos mais graves); em leigos clericalistas, nas redes sociais e em TVs de inspiração católica; em nichos poderosos da sociedade, compostos de elites, que não desejam uma fé operante, além do assistencialismo; em comunidades de vida religiosa consagrada; em movimentos pentecostais católicos e novas comunidades, a maioria de perfil carismático, conservador, reacionário.

2. NOS ÚLTIMOS TEMPOS TEM SE FALADO MUITO SOBRE A RELEVÂNCIA OU A IRRELEVÂNCIA DA IGREJA CATÓLICA HOJE: HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO MEDIEVAL, HÁ QUEM SOFRE COM UM SAUDOSISMO PÓS-CONCILIAR. CONTUDO, O PROBLEMA CENTRAL NÃO É RELEVÂNCIA OU IRRELEVÂNCIA, MAS MUDANÇA: A IGREJA CATÓLICA NÃO É MAIS A ÚNICA VOZ COMPROMETIDA COM A PROMOÇÃO HUMANA E A DEFESA DA VIDA. HOJE, A IGREJA CATÓLICA É UMA ENTRE TANTAS VOZES. COMO PROPOR A PASTORAL EM UMA SOCIEDADE PLURAL COMO A HODIERNA?

O saudosismo é uma mácula da saudade. O saudosismo é uma afronta à saudade, que favorece a memória de pessoas, acontecimentos e modos de ser, como inspiração e como forma de gratidão. O saudosismo de tempos muito antigos, eclesialmente falando, pode levar as

pessoas e comunidades para a mentalidade medieval e os tempos medievais, para o período pré-conciliar, para os tempos tridentinos e não mais voltarem. Isso é uma desvirtualização da Igreja, porque ela deixa de ser contemporânea. Assim pode se dar quando o saudosismo desencaminha as pessoas para o passado recente, no primeiro período pós-conciliar. Ambas as situações, em graus e contextos diferentes, manifestam-se como uma esquizofrenia eclesial e, também, eclesiástica, que caracteriza um descolamento entre a Igreja, suas pessoas e ações, e a realidade. Uma perturbação pastoral que dificulta o desenvolvimento livre da ação evangelizadora, da liturgia, dos paramentos, do modo de pregar e vestir, o modo de testemunhar e organizar a vida comunitária.

É evidente que a Igreja tem um grave problema de linguagem, que necessita ser renovada, atualizada, considerando que linguagem é muito mais do que palavras. Mas o inédito é que os grupos conservadores da Igreja, concordando com a necessidade de mudança de linguagem, não tratam de exercitar mudanças profundas para tornar inteligível e viva a mensagem do evangelho, ao contrário, aproveitando a real necessidade de mudança, propõem a substituição da linguagem das comunidades e pastorais pela velha e antiga linguagem do passado, como se fossem novas: assim se reintroduzem linguagens, narrativas e práticas devocionistas. É o que acontece quando a vida em comunidade é desvalorizada mediante a acentuação do devocionismo, peregrinações, récitas do terço para todos os segmentos, adoração, novenas, escapulários e as mais variadas práticas de piedade e uma quantidade sem fim de *souvenirs* religiosos, dispostos à comercialização.

Quando pensamos que a sociedade contemporânea é totalmente pluralista e encontra-se às voltas com a cultura, a educação, a saúde pública, com constantes transformações no campo econômico, onde predomina a economia de mercado nos moldes capitalistas, em que o capital tem primazia sobre o trabalho; o mercado, sobre a pessoa; o agronegócio sobre o socioambiental; o econômico sobre o político; a degradação planetária sobre a casa comum. É a mesma sociedade que precisa investir no desenvolvimento das ciências; ela precisa cuidar da convivência pacífica entre as religiões e as religiões oferecerem práticas pacifistas para o mundo.

Quando pensamos que a sociedade, fragmentada, é composta pelo homem e pela mulher em meio a um constante turbilhão de exigências e dificuldades de todos os tipos, esfacelados, à procura, às vezes desesperada, de um respiro de vida, pensamos no que pode oferecer a fé cristã, o Evangelho de Jesus Cristo, a mensagem do Reino de Deus.

A sociedade passou a “consultar-se” pouco com a Igreja, à procura de “remédios” eficazes para o tecido humano, demonstrando a perda de relevância da Igreja. A sociedade não se interessa tanto pelo o que acontece na Igreja. O desinteresse da comunicação da sociedade em relação à igreja e aos seus temas e lutas, é quase total. A presença pública da Igreja é cada vez menor e irrelevante. Assim como, para as pessoas, a Igreja perde sua significância, porque ela não consegue oferecer sua mensagem como uma instância de sentido para as pessoas.

Não resolve muito dizer que há muitas pessoas, lugares, organizações que continuam considerando a relevância da Igreja e sua significação para as pessoas. O muito que ainda existe, está diminuindo, basta ver as estatísticas (que é algo sério) e analisar a realidade. É o efeito bolha: estando dentro delas não se percebem o que acontece fora dela.

A tarefa pastoral de hoje e a missão de evangelizar são descomuns, sem precedentes. Algumas orientações podem ser interessantes, tais como: transformar a pastoral e a evangelização de fato em uma proposta. Se conseguir “propor”, abre-se aos diálogos necessários para os aprofundamentos da fé. Propor uma evangelização a partir da vida como ela é, a vida pessoal, a vida comunitária e social e avançar a partir daí. Ao mesmo tempo cuidar das pessoas e das lutas na sociedade, sempre com afeto e uma crescente consciência crítica. Investir na qualificação da prática religiosa popular, de modo que ela seja expressão da fé do povo e represente uma Igreja em saída, não confinada em devocionismo. Ajudar a descobrir o sabor de conhecer a Jesus Cristo, a Palavra de Deus, a sociedade, o planeta, as pessoas. Conhecer liberta. Investir numa catequese narrativa para que ela se aproxime do estilo de Jesus. Fazer da liturgia não um exercício de leitura de palavras fiéis ao latim, mas experiência da presença do Senhor, próxima das culturas. Praticar a solidariedade no decorrer do ano e não somente em momentos específicos. Colocar no centro da espiritualidade pastoral a pessoa e anúncio de Jesus Cristo. Organizar comunidades eclesiais ambientais, ou seja, de acordo com o ambiente de vida dos vários segmentos de pessoas: favelados, povo da rua, universitários, indígenas etc.

3. ALGUNS PENSAM QUE DE NADA ADIANTAM OS BELOS TEXTOS DO PAPA SE NÃO HÁ UMA MUDANÇA NA ESTRUTURA DA INSTITUIÇÃO, QUE É ASSEGURADA DO PONTO DE VISTA LEGAL PELO CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. QUE ELEMENTOS VOCÊ ACREDITA NECESSITAM SER DE FATO MODIFICADOS PARA QUE A REFORMA DE FRANCISCO TENHA UM SUPORTE INSTITUCIONAL DIFERENTE DO QUE É DADO PELO ATUAL CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO?

Direto ao ponto, enuncio alguns dos elementos rigorosamente necessários, levando em conta que ao falar da Igreja estamos falando de uma instituição e ao mesmo tempo de uma comunidade de fé.

a) É necessário reformar em profundidade os livros do próprio Código de Direito Canônico, não só em vista de novo suporte institucional, mas sobretudo para que ele seja expressão da Igreja no tempo que se chama hoje e possibilite nova organização institucional e novas formas de prática da justiça na Igreja, tendo como pilares a comunidade de fé, a centralidade do povo de Deus em suas múltiplas faces, o objetivo da Evangelização e a sinodalidade da Igreja.

b) Atuar firmemente nos seminários e casas de formação para padres e religiosos e religiosas de vida consagrada, objetivando clérigos (diáconos, presbíteros e bispos) e religiosos em sintonia com os sinais dos tempos de hoje e com uma nova Igreja que vai se desenhando,

uma Igreja em Saída para as periferias existenciais, sociais e ambientais. Talvez essa seja uma das principais e mais urgentes ações a serem feitas, já que se observa com facilidade que, em larga escala, os formados nos seminários de hoje não estão em sintonia com a Igreja de hoje e desde a formação inicial já se colocam contra, aberta ou dissimuladamente, à reforma da Igreja e ao seu reformador.

c) Insistir e encontrar novos métodos para cultivo de uma espiritualidade que mantenha Jesus Cristo e seu Evangelho no centro da vida, o Espírito como sopro constante a renovar a vida, colocada a caminho do Pai. Uma espiritualidade trinitária que resgate o valor central do Reino de Deus e que traga alegria ao amar e servir. Uma espiritualidade encarnada e bíblica.

d) Recuperar a comunidade eclesial, que é a base da Igreja, como elemento estruturante da vivência cristã. É nela que a fé cristã é vivida, que as pessoas expressam e celebram a sua fé, que praticam a missão, que testemunham a comunhão e realizam o serviço cotidiano aos pobres.